

# **Ameaças Globais: O Terrorismo de Matriz Islâmica na Globalização**



**Autor: João Eduardo Granata Lopes**

Aspirante Aluno no Mestrado Integrado na Especialidade de Pilotagem Aeronáutica

Academia da Força Aérea, Sintra

**Orientadora: Professora Doutora Teresa de Almeida e Silva**

Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa

**Coorientador: Tenente-Coronel Luís Pinto Rocha**

Força Aérea Portuguesa, Academia da Força Aérea, Sintra

**Resumo:** O sistema internacional atravessa, em pleno século XXI, uma transição incerta na estabilidade e ordem mundiais. Num mundo profundamente globalizado, em que os fenómenos de aproximação social, económica, política e cultural definem uma linha muito ténue entre a escala da violência e a construção de uma paz comum, emerge o objeto de estudo da investigação. O terrorismo de matriz islâmica é, não só, um fenómeno moderno, como também um movimento fundamentalista profundamente conhecedor das vantagens da era moderna em que claramente se assumiu. Na atualidade, com os naturais avanços da tecnologia e dos meios de comunicação, dimanados da onda da globalização que inundou a cena internacional, a ameaça do terrorismo de matriz islâmica pôde potenciar a sua estratégia. A capacidade de alcance dos grupos extremistas islâmicos atinge, na atualidade, a fasquia milenar da influência à escala global. A emergência desta ameaça internacional reúne o alarmismo dos Estados mundiais, perspetivando uma das principais preocupações da segurança internacional. O papel das organizações/entidades governamentais e não-governamentais parece ter, mais de que nunca, uma importância crucial na atenuação das ameaças globais. A vitalidade da coordenação de esforços à escala planetária, entre as várias organizações e entidades nacionais e transnacionais, revela-se crucial para as mudanças e perigos emergentes deste século. A globalização da sociedade contemporânea tem facilitado a projeção de redes terroristas. No entanto, deve ser encarada como um fenómeno potencialmente contributivo para a diminuição do terrorismo de matriz islâmica. Num mundo acompanhado por uma permanente evolução, consubstanciado num espírito de união e cooperação da comunidade internacional, poderá perspetivar-se uma necessária aliança das civilizações, fundamental para se atingir uma desejável e permanente aproximação étnica, racial, religiosa e cultural, tal como um entendimento político-ideológico, económico e social.

**Palavras-chave:** Ameaças; Globalização; Matriz Islâmica; Terrorismo

## Introdução

Os cenários de perturbação de um Estado, sejam eles diretos ou indiretos, foram sempre foco de particular atenção no que diz respeito à delineação de estratégias nacionais de um determinado país. A estes cenários ou ameaças dirigidos a um Estado, a mais atual e persistente, seja talvez o fenómeno do terrorismo que, na atualidade, já atingiu o estatuto de ameaça à escala global.

Este fenómeno representa uma ameaça direta à comunidade internacional, bem como para a estabilidade e prosperidade internacionais. É uma ameaça global persistente que não reconhece fronteiras, nacionalidades ou religião, sendo que representa um desafio que a comunidade internacional tem de combater (NATO, 2010).

Na atualidade, continuam a verificar-se profundas transformações a nível global. *“O sistema internacional entrou num período de transição, caracterizado tanto por uma multiplicação de crises, como pelo aumento da conflitualidade e da turbulência que antecipam transformações substanciais nos equilíbrios internacionais e no ambiente de segurança dos Estados. A transição internacional implica uma crescente instabilidade e imprevisibilidade, que justifica uma cuidada identificação dos cenários onde os interesses nacionais podem ser postos em causa e uma permanente avaliação dos mecanismos de resposta indispensáveis para os defender. O processo de globalização e a revolução tecnológica tornaram possível uma dinâmica mundial de integração política, económica, tecnológica, social e cultural sem precedentes”* (MDN, 2014, p.16).

No tópico referente às ameaças e riscos no ambiente de segurança global e nacional, apresentados no CEDN, o terrorismo transnacional, o ciberterrorismo, e ainda a proliferação de armas de destruição massiva, revelam-se com um dos pontos de elevado destaque a ter em consideração na delineação da estratégia de defesa nacional (MDN, 2014).

De facto, o terrorismo não é um fenómeno recente na Europa, mas tem, no entanto, tido um aumento e uma facilitação exponencial na era da globalização. Representa uma ameaça à nossa segurança, aos valores das nossas sociedades democráticas e aos direitos e liberdades dos cidadãos europeus (UE, 2005).

É uma ameaça que é encarada como tal pelas principais alianças e parcerias políticas, militares, económicas e sociais. Deste modo, Portugal inclui-se como Nação a abranger, no que diz respeito à adequação da sua estratégia de defesa, na procura da atenuação deste tipo de ameaça, conciliando-se continuamente com os interesses e valores fundamentais nacionais.

O terrorismo, em particular, que assumiu destaque neste trabalho, é uma ameaça bem presente e atual para a nossa Nação, uma vez que Portugal, *“devido à sua liberdade de acesso e à sua identidade como democracia ocidental pode tornar o país um alvo de terrorismo internacional”* (MDN, 2014, p.22).

A presente dissertação pretendeu relacionar o fenómeno da globalização com a ameaça global que é o terrorismo, orientado mais especificamente para a esfera do fundamentalismo islâmico. Numa ótica de possível contribuição e auxílio, e não como fator potenciador, pretendeu analisar-se o processo de globalização como eventual atenuante da ameaça do terrorismo. Foram analisados os fundamentos basilares da globalização e tentou estabelecer-se uma ligação com a atual evolução do terrorismo de matriz islâmica, como fator contributivo para a sua eventual dissipação.

## 1. Revisão da Literatura

Na esfera que inclui as *“relações internacionais, tal como no domínio de todas as tendências sociais, surge o problema do subjetivismo e do objetivismo”*. Este problema diz respeito à dificuldade que um determinado observador tem de se abstrair da pré- estabelecida conceção moral do mundo e da vida, na qual a sua própria pessoa se inclui e, que, involuntariamente, podem afetar a sua observação e avaliação dos factos. Neste sentido, é importar ter em conta as *“tendências contraditórias que animam essas conceções”*, em particular neste objeto de estudo (Moreira, 2014, p.71-73).

As RI sempre foram caracterizadas por se ladearem por um modelo bipolar, expresso pela realidade bilateral ‘Americana vs. Soviética’ da Guerra Fria, mas que, atualmente, são talvez substituídas por um *“multipolarismo”*. Desenvolvem-se de novo as ideologias, caracterizadas cada vez mais pelo *“anonimato das fontes de criação, divulgação e sustentação das condicionantes ideológicas das relações internacionais”*. Um dos exemplos do anonimato são as empresas ou agências nacionais/transnacionais de informação. Seguidamente, *“as ideologias, entendidas como a forma que assume, em qualquer comunidade política, a ideia de obra ou empresa que um grupo social prossegue”*, são na atualidade um conceito de grande importância no contexto do poder político, que por sua vez se inclui na esfera das RI (ibidem, p.78-79).

Após uma pequena abordagem ao idealismo, surge quase como que em oposição, uma outra corrente de pensamento na esfera das RI: o realismo.

No pensamento realista, os humanos caracterizam-se por se preocuparem essencialmente com o seu próprio bem-estar nas relações competitivas com terceiros. Podem destacar-se quadro ideias realistas básicas: uma visão pessimista da natureza humana; a convicção de que as RI são necessariamente conflituosas e que os conflitos transnacionais só podem ser solucionados pela guerra; uma ultra valorização da segurança nacional e da sobrevivência do Estado; e a defesa de que os progressos na política internacional podem ser comparados àqueles da política doméstica. O centro normativo do realismo é a segurança nacional e sobrevivência do Estado, sendo estes os valores transmitidos na política externa doutrinária realista (Jackson; Sorensen, 2010).

O realismo assume assim uma responsabilidade crucial *“na afirmação autónoma da disciplina das RI, dando um particular destaque às questões de segurança”* (Reis, 2016, p.3).

Surge posteriormente, com Waltz (1979), uma versão contemporânea realista: o neorealismo. O autor supra mencionado defendia que a melhor teoria das RI seria aquela que se concentraria na estrutura do sistema, na interação entre as suas unidades e nas mudanças e continuidades do sistema. No neorealismo, a estrutura do sistema que é externo em relação aos atores, especificamente a distribuição relativa de poder, assume-se como a análise fulcral. Segundo Waltz, *“as unidades estatais de um sistema internacional distinguem-se primeiramente pela sua maior ou menor capacidade de executar tarefas semelhantes, sendo que a componente estrutural de um sistema, mudaria consoante as alterações na distribuição de capacidade pelas unidades do respetivo sistema”* (Jackson; Sorensen, 2010, p.74).

À tradicional visão pessimista do realismo opõe-se a perspetiva mais otimista de uma outra corrente das RI: o liberalismo. Este surge com as influências do *“humanismo e do iluminismo, marcado por espantosas descobertas tecnológicas e geográficas”* (Dias; Samões, 2016, p.23).

A tradição liberal no contexto das RI está também estreitamente ligada ao aparecimento dos primeiros estados liberais modernos. Os liberais assumem normalmente uma visão mais positiva da natureza humana. Reconhecem que os indivíduos apenas têm um interesse pessoal e apenas são competitivos até certo ponto. Acreditam que os cunhos pessoais partilham muitos interesses e, que, portanto, podem partir para ações sociais de colaboração/cooperação, quer no prisma estatal, quer no transnacional, resultando assim num maior benefício geral para todos os intervenientes. Por

outras palavras, defendem que, ao aplicarem a sua razão, os indivíduos poderão atingir uma cooperação mutuamente benéfica, não só ao nível interno dos Estados, mas também além-fronteiras (Jackson; Sorensen, 2010).

No contexto do liberalismo surge uma nova adaptação, o liberalismo sociológico, que argumenta que as RI envolvem também as relações transnacionais, não apenas entre Estados, mas também entre pessoas, grupos e organizações de diferentes países. Este tipo de interpretação que se direciona adicionalmente para a sociedade, leva alguns autores a identificar o socialismo liberal como pluralista. Nesta linha de pensamento, surge o conceito de interdependência no liberalismo, que se refere ao facto das populações e os governos serem afetados por aquilo que acontece internacionalmente, através das ações das suas partes noutros países. Por fim, na visão liberalista, surge ainda o institucionalismo, que defende que as instituições internacionais tornam a cooperação mais fácil e provável, mas não garantem, por si só, uma transformação qualitativa das RI. No entanto, criticam a visão realista de que os Estados de uma instituição internacional estariam apenas sujeitos às grandes potências e respetivos interesses, e admitem a sua contribuição crucial na cooperação entre Estados (ibidem).

Surge ainda uma terceira corrente das RI, o construtivismo, protagonizada por Nicholas Onuf (1989). O construtivismo destaca a dimensão social das RI e a sua possibilidade de mudança, mas tem, no entanto, algumas divergências nas suas diferentes abordagens. Os fenómenos sociais, tal como Estados, alianças, ou instituições internacionais (que se tratam do coletivo dos sujeitos das RI), podem construir, na aceção básica da natureza humana, mas tendo em conta as especificidades históricas, culturais e políticas que são o produto da interação humana num mundo social. Os construtivistas desafiam-se a tentar explicar as mudanças da cena internacional. Com o final da Guerra Fria, as mudanças dramáticas que daí resultaram, fizeram emergir a importância do contexto histórico e levantaram questões sobre a transição entre o conflito e a cooperação, e entre a paz e a guerra. Na visão construtivista, os atores não deveriam apenas escolher livre e egoicamente as suas circunstâncias, mas deveriam tomar certas decisões no processo de interação com outros, reunindo realidades históricas, culturais e políticas distintas, com vista a uma perspetiva comum. Como seres fundamentalmente sociais, os indivíduos e os Estados não podem separar-se de um sistema normativo que molda não só quem eles são, mas também as possibilidades internacionais às quais podem aceder (Fierke, 2010).

Após uma breve análise das várias correntes de pensamento que moldam a esfera das RI, pode afirmar-se que esta investigação assumiu uma abordagem essencialmente construtivista. O construtivismo destaca a importância social da relação entre Estados, afastando-se um pouco do realismo, que se preocupa apenas com a segurança e sobrevivência do Estado, e com a garantia de poder, através das capacidades materiais. Da mesma forma, assume um carácter mais prático que o liberalismo, no sentido em que não abandona a perspetiva de que é preciso garantir uma determinada capacidade de segurança e defesa, mas com a necessidade de assegurar um melhor entendimento cultural, político e económico com outros Estados, nos vários processos de tomada de decisão.

Em síntese, no contexto desta investigação, procurou fazer-se uma análise caracteristicamente construtivista, apelando à cooperação/coordenação ponderada entre Estados na cena internacional. Assim asseguraram-se as condições de segurança e sobrevivência da estrutura do Estado, mas conduzindo uma relação, no espetro transnacional, de mútuo entendimento inter-estatal, através da partilha de conhecimentos, informação, e das respetivas identidades culturais, políticas, sociais e económicas. Neste sentido, pode fazer-se menção ao programa da Aliança para as Civilizações, da ONU, que caminha na direção de um entendimento global entre os vários contextos civilizacionais mundiais.

## **1.1. Objeto de estudo**

Realçando a temática desta investigação torna-se árdua a tarefa de delimitar o objeto de estudo, pois no que diz respeito ao terrorismo de matriz islâmica são muitas as ramificações que podiam ser abrangidas. Deste modo, estas últimas poderão ser relacionadas dentro do âmbito de estudo (delimitadas naturalmente pelas hipóteses e com base na pergunta de partida), com o fenómeno da globalização. No entanto, sendo o universo de matriz islâmica do terrorismo um pouco vasto, seria importante que esta investigação se envolvesse de uma certa delimitação quanto à quantidade de células ou grupos abordados, à área geográfica a considerar, e ao início e respetivo fim da linha temporal desta investigação.

Face ao exposto é importante estreitar o leque de possibilidades, pelo que se focaram grupos que: constituem uma maior ameaça à comunidade internacional; que tiveram maior impacto mediático (maior número de danos

humanitários/materiais provocados); e com maior abrangência mundial (maior número de seguidores e de células espalhadas pelo mundo) na atualidade. Deste modo selecionaram-se: O Daesh e a Al-Qaeda.

Entrar-se-á agora no campo temporal da delimitação, referente aos respetivos grupos, iniciando-se assim a linha temporal na última década do século XX, com continuação da mesma até a atualidade, e com uma janela de projeção que abrange a próxima década, de forma a incluir uma possível evolução a curto prazo do fenómeno/temática em estudo. Em suma, a janela temporal da investigação desenrolou-se entre a última década do século XX e a próxima década, sendo que se tornaria uma investigação fraca e pouco fundamentada em termos técnico-científicos, se se ultrapassasse esse período, devido à falta de dados e informação relativos ao mesmo. Assim foi assegurado um correto vetor orientador, de forma a cumprir com o objetivo final de responder à pergunta de partida bem como de respeitar as hipóteses enunciadas nesta investigação. Foi também necessário, pontualmente, recorrer a períodos históricos anteriores à linha temporal estabelecida, para efeitos de fundamentação e de enquadramento geoestratégico da própria investigação da temática.

No contexto geográfico surge novamente uma adversidade na tentativa de incluir a temática desta investigação, pois, dada a volatilidade e dispersão das entidades terroristas em estudo torna-se difícil definir uma área geográfica em específico. Face ao exposto foi tida em conta a atualidade desta temática, no sentido em que foi analisada a célula terrorista com maior influência e atividade posta em prática nesta segunda década do século XXI. Deste modo a análise irá focar-se na zona do Médio Oriente onde o grupo Daesh (autoproclamado Estado Islâmico) é neste momento a ameaça terrorista mais relevante. No decorrer desta investigação foi também feita menção ao grupo terrorista al-Qaeda, que embora menos mencionada nos últimos anos continua a ser uma das principais ameaças à escala global no que diz respeito ao fenómeno do terrorismo de matriz islâmica.

Embora menos ativa nos dias de hoje, foi uma das principais ameaças do final do século XX e início do século XXI, tendo dado origem a um dos maiores atentados terroristas da história mundial, moldando muito daquilo que são as atuais estratégias (das principais potências mundiais) de contra o terrorismo. Neste sentido, foi também considerada, embora menos recorrentemente, a abrangência geográfica nuclear deste célula, que assim engloba as seguintes regiões: Norte de África, Médio Oriente (num período anterior à da atual ameaça do Daesh) e ainda algumas regiões da Ásia Central e Ocidental. Foram mencionadas múltiplas organizações (OG's e ONG's) e algumas das potências mundiais. A Europa, como palco da UE e de alguns dos ataques perpetrados por grupos terroristas, foi abrangida na investigação, através de uma análise relevante da atualidade bem como da projeção, já mencionada, do futuro previsto da temática em estudo.

## **2. Metodologia**

Fazendo um foque na temática desta investigação, bem como na linha metodológica na qual este estudo essencialmente se guiou, pôde ser estabelecida uma correlação entre os vários métodos, modos de abordagem, técnicas e objetivos. Num aspeto de carácter mais generalista, adotou uma abordagem maioritariamente qualitativa.

Deste modo foi feita uma análise do fenómeno do terrorismo e da sua influência ao longo da história, até à atualidade, na comunidade internacional. Elaborando um elo de ligação para a era da globalização, determinou-se em que contexto esta pode beneficiar ou atenuar o objeto de estudo. Numa investigação é possível uma coexistência saudável quer do modo qualitativo, quer do modo quantitativo, pelo que esporadicamente foram exemplificados alguns dados estatísticos relativos ao terrorismo de matriz islâmica, para melhor explicitar a influência e alcance global deste fenómeno. Face ao exposto, é possível inserir-se este trabalho numa esfera maioritariamente bibliográfica, pelo facto de serem analisados dados já existentes. Seguiu-se uma linha essencialmente hipotético-dedutiva, partindo da análise de premissas gerais, afinando a mesma análise para a eventual observação ou mesmo previsão de acontecimentos mais específicos, em determinadas zonas geográficas mencionadas na investigação. Numa perspetiva a longo prazo, foi pontualmente utilizado o método dedutivo, através da análise atual do objeto de estudo em determinada zona geográfica, para uma eventual projeção generalista da sua influência, num futuro próximo. Por fim, quanto ao objetivo do processo desta investigação, este trabalho aproxima-se do tipo de estudo descritivo, pois foi feita uma relação entre várias variáveis em estudo (sendo o objeto de estudo uma dessas variáveis), através do conhecimento mais aprofundado do fenómeno do terrorismo. No que concerne os objetivos desta investigação, poderão destacar-se:

**Objetivo geral:**

Demonstrar que a globalização poderá, no futuro, ser um fenómeno eficaz na atenuação da ameaça global do terrorismo.

**Objetivos derivados:**

- Esclarecer o conceito de terrorismo de matriz islâmica.
- Mencionar quais os diferentes tipos de terrorismo mundiais reconhecidos.
- Contributo da era da globalização para o terrorismo.

## 2.1. Formulação da Questão de Partida e Subquestões da Investigação

A questão de partida é a seguinte:

*“Poderá a globalização, enquanto fenómeno da atualidade, ser um processo a favor da luta contra o terrorismo de matriz islâmica?”*

Associadas a esta pergunta de partida poderão estar outras subquestões derivadas que de certa forma complementarão a principal. Assim, permite-se uma melhor avaliação e uma clarificação do objeto e do objetivo de estudo, traçando uma linha orientadora de investigação mais eficiente. As perguntas derivadas desenvolvidas para esta dissertação são:

**PD1:** “De que forma a globalização poderá contribuir para a atenuação do terrorismo de matriz islâmica?”

**PD2:** “Como poderá combater-se o terrorismo, mais eficazmente, numa perspetiva da comunidade internacional, no futuro?”

## 2.2. Hipóteses de Trabalho

Para uma melhor estruturação, delimitação, e organização de uma investigação, *“as hipóteses de trabalho constituem a melhor forma de a conduzir com ordem e rigor. As hipóteses dão amplitude e asseguram a coerência entre as partes do trabalho”* (Quivy; Campenhoudt, 2005, p.119-120). Enunciam-se assim, as seguintes hipóteses (principal e secundárias):

**HP1:** “O terrorismo de matriz islâmica, enquanto ameaça global, num mundo globalizado, a nível social, económico, político e tecnológico, pode prejudicar a integridade dos Estados, mas existem mecanismos de combate eficazes, criados ao nível nacional e transnacional, e em organizações/entidades governamentais e não-governamentais.”

**HS1:** “Os mecanismos de combate ao terrorismo de matriz islâmica que existem são eficazes para o presente, mas não o serão no futuro.”

**HS2:** “O terrorismo de matriz islâmica será combatido a partir de um computador, devido à evolução das tecnologias de informação.”

**HS3:** “A integridade (económica, social, política e de segurança) dos Estados está garantida, no presente, com os mecanismos de combate ao terrorismo de matriz islâmica, existentes entre as várias organizações/entidades governamentais e não-governamentais.”

## 3. Terrorismo

O terrorismo é um fenómeno da atualidade mundial, mais recentemente aquele de matriz islâmica, representando uma das ameaças de principal destaque na estratégia de defesa de vários Estados, organizações (nacionais e transnacionais), ou em síntese, da comunidade internacional. No entanto, embora atual, é uma realidade antiga, que tem evoluído consideravelmente ao longo dos tempos.

O terrorismo em nome da religião tem-se tornado o modelo predominante de violência política no mundo moderno. Não se quer com isto dizer que outras formas de extremismo como o nacionalista ou o ideológico se tenham extinguido,

muito pelo contrário, no entanto, o extremismo religioso está no centro da esfera de preocupação da comunidade internacional (Martin, 2013). O extremismo islâmico moderno, tal como o conhecemos, talvez tenha a sua principal origem na profunda mudança que moldou o mundo árabe no século XX.

Na segunda metade desse século, surgiu uma vaga de ativismo que caracterizou aquele período e que atravessou várias fases, nas quais se destacam: o nacionalismo anticolonial, em que árabes nacionalistas resistiam à presença administrativa e militar europeia; o nacionalismo pan-árabe (Nasserismo), liderado pelo presidente Gamel Abdel-Nasser, que advogou a criação de uma única e dinâmica República Árabe Unida; e o radicalismo secular de esquerda, que era adotado para divulgar ou promover ideais marxistas, muitas vezes em oposição ao governo (ibidem).

No entanto, estes movimentos extremistas seculares não surtiram a eficiência pretendida, com o insucesso de não conseguirem instaurar novas reformas políticas e económicas, bem como não conseguirem obter o respeito da comunidade internacional. Os nacionalistas árabes combatiam desde o final da 2ª Guerra Mundial para expulsar o domínio e influência ocidentais, sendo que os mais tradicionais começaram a interpretar essa mesma dominação como um atentado à cultura, tradição e valores muçulmanos (ibidem).

Os árabes e os muçulmanos tiveram várias derrotas militares, na tentativa de restabelecer a justiça, a liberdade e a independência que muitos dos estados opressores não perpetravam, perdendo muito território para o estado judeu (Israel), aumentando assim o sentimento de frustração e humilhação (Amirahmadi, 2017).

A comunidade muçulmana foi severamente acusada como incapaz em instaurar um sistema político, financeiro e uma sociedade minimamente desenvolvida que pudesse ser comparada ao mundo ocidental. Esta mesma comunidade, foi também humilhada pelos ditadores corruptos ou pessoas do poder, que instauraram economias injustas, desiguais e sempre em favorecimento de uma elite de pessoas poderosas. Com o auxílio das grandes potências mundiais, todos o tipo de movimentos árabes nacionalistas e de esquerda foram neutralizados, eliminando qualquer oposição do género (ibidem).

Alguns autores argumentam que um fator crucial do desenvolvimento do extremismo islâmico é precisamente *“a contestação de governos autocráticos no mundo muçulmano nos anos 70 e 80, que se aliaram aos EUA para garantir a sua sobrevivência política”*, contribuindo para a propagação do terrorismo jihadista (Duque, 2016, p. 142). Consequentemente começaram a surgir novos movimentos promotores do extremismo islâmico, que se sobrepuseram às anteriores correntes seculares. Estes movimentos, associados aos países que baseavam o seu sistema político na tradicional sharia ou lei islâmica, tornaram-nos muito populares. Podem indicar-se três acontecimentos que serviram como aceleradores do extremismo islâmico, e, por sua vez, na aplicação da jihad: *“o início de um novo século islâmico (século XV), a Revolução Iraniana e a implementação de um regime teocrático islâmico, anti ocidente e revolucionário; e a invasão soviética do Afeganistão, com a subsequente jihad antissoviética”* (idem).

O alcance do terrorismo de matriz islâmica é, perigosamente, mundial, sendo que se encontra em permanente adaptação e evolução face ao desenvolvimento tecnológico e social do planeta. Possui a invulgar capacidade de atrair seguidores um pouco por todo o mundo e, tal como já foi referido, constitui uma das principais preocupações da comunidade internacional, tendo originado uma panóplia enorme de planos de contra terrorismo. São vários os grupos/organizações dedicados a este tipo de extremismo religioso, tal como se verá de seguida.

### **3.1. Principais Células Terroristas Islâmicas em Estudo**

Podem destacar-se nas últimas três décadas duas organizações terroristas que se representam, não só, como uma ameaça à escala global, mas, igualmente, organizações com um impacto mediático único na história dos grupos terroristas de matriz islâmica.

Pelas mãos de Osama Bin Laden e de Abdullah Azzam, nasce, em 1988, a al-Qaeda, que significa “a base” ou a “rede”. Tinha o objetivo de atrair muçulmanos sunitas dispostos a combater ao lado dos mujahideen para expulsar as forças militares soviéticas do Afeganistão (o que conseguiram). O grupo terrorista baseava a sua ideologia no tradicional *“fundamentalismo religioso islâmico”* desenvolvido por pensadores muçulmanos extremistas, dos quais se destaca Sayidd Qtub. A al-Qaeda iniciou uma campanha baseada em *“objetivos de curto e longo prazo”*. A prioridade seria expulsar as forças militares americanas e estrangeiras de *“terras sagradas do Islão, tais como a Arábia Saudita, bem como de outras regiões muçulmanas”*. Na sequência desse objetivo foi *“declarada a jihad aos EUA (também aos cidadão civis e militares) e aos seus aliados em qualquer parte do mundo”* (Duque, 2016, p.143).

Esta rede, constituída por um conjunto de células distribuídas um pouco por todo o mundo, detinha uma célula no Iraque, a AQI (al-Qaeda no Iraque), liderada por al-Zarqawi. Bin Laden não concordava com os métodos ultraviolentos e extremistas que Zarqawi utilizava na condução da jihad, para além de que não parecia dar prioridade à luta contra o ocidente (americanos). Auferia prioridade ao combate sectário contra os xiitas, perpetuados através de ataques extremamente sangrentos contra zonas sagradas, maioritariamente frequentadas por civis.

Em 2006, al-Zarqawi acabaria por morrer num ataque aéreo executado pelos EUA. Mais tarde, uma coligação de jihadistas insurgentes, da qual fazia parte a AQI, *“anunciava a formação de um Estado Islâmico do Iraque (ISI)”*. O líder desta coligação era o *“recém-nomeado al- Baghdadi”*. O novo objetivo da organização era: *“estabelecer uma autoridade islâmica ou emirado, depois desenvolvê-lo e apoiá-lo até alcançar o nível de um califado, sobre todo o território em que seja possível estender o seu poder no Iraque, ou seja, nas áreas árabes sunitas, para preencher o vazio surgido com a partida dos americanos, imediatamente após a sua saída e antes que forças não-islâmicas tentem preencher este vazio”* (Stern; Berger, 2015, p.49-50).

Em 2011, num país vizinho do Iraque, a Síria, cuja liderança era assumida por um regime altamente repressivo desde os anos 70, e onde a maioria da população jovem estava desempregada, inicia-se um período caótico e violento estimulado pela Primavera Árabe. Deste modo, se os conflitos *“sectários no Iraque ofereceram uma abertura para que o ISI se reagrupasse, a violência na Síria daria a al-Baghdadi o pretexto para se expandir”*. Vários grupos rebeldes seculares foram surgindo na Síria, e o líder do ISI enviou operacionais para estabelecerem um grupo radicalista islâmico no país, estabelecendo o *“ISIL (Estado Islâmico do Iraque e do Levante)”* ou ISIS (Estado Islâmico do Iraque e da Síria). Simultaneamente, o ISIL anunciou total independência à al-Qaeda (ibidem, p.63-65).

Em 2014 o ISIL dá um passo ousado, declarando que estava a *“reconstruir o califado, um império islâmico histórico com uma ampla ressonância entre a comunidade muçulmana, mas em especial entre os jihadistas salafitas”*, que executavam a jihad na esperança de atingir esse fim. Deste modo, o *“emir”* do ISIL, al-Baghdadi, foi nomeado califa do agora autoproclamado Estado Islâmico (ibidem, p.70).

O impacto internacional do aEI deve ser considerado como preocupante, pois inspira juramentos de lealdade a nível global, seguido de ataques em qualquer parte do mundo. Simultaneamente estabeleceu-se como um grupo ultraviolento, implacável, e bastante mais sectário na sua ideologia (em relação aos grupos que o precederam), tornando-o o *“pináculo do extremismo violento da atualidade”* (ibidem, p.269).

## 4. Globalização

O fenómeno da globalização rodeia-se de uma atualidade e pertinência indiscutíveis na compreensão das sociedades contemporâneas. É um fenómeno que torna todas as partes de uma sociedade interdependentes, num processo de constante comunicação e a caminho de uma linguagem social comum. No entanto, *“é igualmente um fenómeno em permanente evolução e nutrida por um conjunto de fatores em constante análise/estudo, tornando-a uma realidade difícil de investigar”*. A globalização é atualmente constituída por um conjunto de fatores do contexto social, sendo que é usado para explicar a entrada de informação, aspetos culturais, bem como toda uma panóplia de produtos originários de um país, numa rede global que permite a todos estes elementos chegarem a um destinatário, se for preciso, do outro lado do planeta. Este processo é facilitado pela tecnologia, pelos modernos meios de comunicação da atualidade (*internet*), e por uma rede de empresas transnacionais que permitem que todos estes bens tenham um alcance à escala global (Balão, p.17).

### 4.1. Tecnologia na Era da Globalização

É importante ter em conta *“a importância crucial da hegemonia em inovação, investigação e desenvolvimento tecnológico como um dos fatores de globalização, por excelência”*. É neste contexto que a *internet* surge como uma das ferramentas mais importantes da sociedade contemporânea, sendo que estende a sua influência a várias áreas da esfera social de qualquer país da atualidade. A *internet* representa *“um conglomerado de redes à escala mundial, constituída por milhões de computadores interligados e permitindo quer o acesso à informação quer à sua transferência”*, tornando-se uma das principais armas utilitárias dos meios de comunicação e difusão de informação da atualidade (ibidem, p.337-338).



No entanto, surgem associados aos movimentos de globalização algumas preocupações. A principal preocupação surge “associada ao lugar das pessoas num mundo onde o desenvolvimento tecnológico superior é cada vez mais sinónimo de desemprego e, consequentemente, de maior grau de desigualdade, pobreza e, por sua vez, de potenciais problemas sociais”. É importante realçar que para a globalização se assumir como um movimento efetivamente eficiente, não pode deixar de promover a ligação aos países do terceiro mundo, neste sistema global contemporâneo (ibidem, p.339 -340).

Os extremistas islâmicos têm vindo a demonstrar-se como fiéis acompanhantes dos avanços tecnológicos globais, sendo que recorrem a ferramentas de comunicação modernas de forma a conduzirem eficazmente a sua jihad e a espalharem a sua mensagem. A não ser que um grupo terrorista seja ideologicamente/religiosamente contra a tecnologia, é comum recorrer à capacidade das comunicações sociais mais modernas, por forma a atingir os seus objetivos. Os apoiantes jihadistas começaram mais recentemente a aderir a plataformas abertas nas redes sociais, tais como: Youtube, Facebook e Twitter (Stern; Berger, 2015).

Aquela que estava a tornar-se a era da liberdade de expressão, potenciada por empresas de alcance global que se promoviam como plataformas ideais para este objetivo, começou a arrastar estes gigantes da comunicação para uma tempestade de críticas de valores morais, no sentido de albergarem ou facilitarem a propagação do terrorismo (ibidem).

## 4.2. Globalização no Futuro

Face ao fenómeno da globalização “há que equacionar as potencialidades que este mesmo movimento representa: ele não constitui apenas um manancial de ameaças (como o terrorismo) de vários domínios”. Ele permite libertar o espírito e as ideias nele contidas, abrindo espaço para a eventual e derradeira sociedade global, preparada para enfrentar os desafios do futuro (Balão, p.429).

A era de globalização que agora se atravessa, e que se irá continuar a atravessar, na condição de fenómeno que trouxe mudanças culturais, políticas, económicas (entre outras), e que afeta toda uma estrutura social, internacional e interconectada, veio minimizar o conceito de rivalidade de grandes poderes, estabelecendo-se assim como uma das primeiras regras da política intencional do futuro (Linklater, 2011).

Em matéria de terrorismo, mais especificamente o de matriz islâmica, é certo que a globalização tem atuado como um facilitador da sua respetiva proliferação, quer na difusão da sua mensagem, quer na própria atividade interna dos grupos jihadistas. No próximo capítulo, foi feita uma abordagem que tenta contrastar com esta realidade, incluída nas políticas de combate ao terrorismo de matriz islâmica que serão de seguida abordadas.

## 5. O Terrorismo na Globalização

No presente capítulo, foram abordados os vários planos transnacionais de combate ao terrorismo, bem como as parcerias da atualidade que existem para este fim. Tentou atribuir-se uma visão positivista da globalização, na ótica de um processo contributivo para o combate ao terrorismo de matriz islâmica, através da análise dos principais elementos de combate ao terrorismo da atualidade.

### 5.1. Planos Transnacionais de Combate ao Terrorismo

O primeiro plano abordado no combate ao terrorismo é o da ONU (Organização das Nações Unidas), que em 2006, em Assembleia Geral, aprovou a criação da *Counter-Terrorism Implementation Task Force* (CTITF), que pretende melhorar os esforços internacionais, nacionais, e religiosos, no combate ao terrorismo, tendo atualizado a sua estratégia em 2014 (UN, 2006).

Surge seguidamente a estratégia antiterrorista da NATO (*North Atlantic Treaty Organization*) que numa resposta à ameaça mais atual do Daesh criou em 2014 uma Coligação Global de Combate ao Daesh (60 países), estando a combater militarmente o Daesh no terreno. Na cimeira da NATO de 2016, em Varsóvia, foi reforçada a coordenação e cooperação do combate ao terrorismo, entre a NATO e a UE (NATO, 2016).

Em relação à União Europeia (UE), esta cria a sua primeira estratégia contra terrorista em 2005, baseando-se nos objetivos gerais: “prevenir, proteger, perseguir e responder”: e devido ao crescente fenómeno dos combatentes estrangeiros e portanto da capacidade das organizações terroristas em recrutar seguidores de qualquer parte do mundo,

usando as redes sociais, esta reviu igualmente a sua estratégia em 2014, focando-se no combate ao financiamento terrorista e ao uso online das redes para fins criminosos. As entidades responsáveis pelo combate ao terrorismo são a EUROPOL (entidade policial) e a EUROJUST (entidade judicial) (UE, 2016).

Finalmente, é importante não descartar a influência americana (aliás pioneira no combate ao terrorismo), especialmente no combate ao financiamento de grupos terroristas. O *National Counter Terrorism Center* (NCTC) é um centro norte-americano especializado no combate à ameaça global do terrorismo, tendo sido pioneiro no combate ao financiamento terrorista, e estabelece agora uma cooperação com as entidades europeias (especialmente EUROPL e EUROJUST), através do *Terrorist Finance Tracking Programme* (TFTP), onde trocam informações relativas à rede de financiamento de diversas organizações (State Department, 2014).

## 5.2. Contribuições da Globalização

No espectro de combate ao terrorismo de matriz islâmica, são vários os fatores a ponderar, bem como várias as técnicas a adotar. Esta investigação focou-se naquelas que são talvez as maiores armas usadas pelos grupos jihadistas: o seu monopólio financeiro; e o uso da tecnologia na disseminação de informação.

No que concerne em específico o grupo Daesh (grupo jihadista com a maior riqueza alguma vez gerada na história), são três as etapas de combate ao seu financiamento (Johnston, 2014).

A primeira etapa é a de tentar cortar o lucro da organização. As duas principais fontes lucrativas do aEI são o petróleo e a extorsão criminosa, portanto uma intervenção que permita interromper o processo de contrabando de petróleo, bem como uma intervenção no terreno que evite a extorsão local por parte do grupo, seriam algumas das estratégias (ibidem).

A segunda etapa passa por restringir o acesso ao sistema financeiro internacional. Terá inicialmente que se limitar a capacidade do Daesh de executar transações através dos sistemas bancários do Iraque, Síria e do sistema bancário internacional. No entanto, será necessária a cooperação ativa com outras entidades europeias e no Médio Oriente, para que esta limitação surta um efeito considerável (ibidem).

A terceira etapa de combate ao financiamento é a de aplicar sanções financeiras a líderes e facilitadores do Daesh. Através da identificação, exposição, e, posterior, neutralização financeira, os EUA conseguiram ter algum sucesso no combate ao financiamento da al-Qaeda. Deste modo, fazendo a transposição, torna-se uma prioridade identificar estes indivíduos do, ou associados ao Daesh (ibidem).

No que diz respeito ao uso de tecnologia para a difusão de informação, por exemplo, através do uso de redes sociais por forma a difundirem a sua propaganda e a aumentarem a sua capacidade de recrutamento, o Twitter surge como a principal rede social usada pelos terroristas islâmicos, sendo que muitas organizações extremistas distribuíam rotineiramente novos lançamentos que descreviam batalhas e reivindicavam ataques. A política de suspensão de contas terroristas online que entretanto foi incrementada, diminuiu a presença e influência dos extremistas islâmicos (das organizações mencionadas) nas plataformas sociais, e conseqüentemente a sua capacidade de disseminar a sua mensagem e de recrutar novos seguidores. Estas ações de suspensão, levadas a cabo pelas empresas detentoras das redes sociais, em colaboração com o governo, atrasavam o movimento dos terroristas, pois obrigavam-nos a reconstruir as suas contas do início e a angariarem novamente bastantes seguidores para conseguirem ter alguma projeção, resultando num desgaste psicológico bastante grande para a respetiva organização terrorista (Stern; Berger, 2015, p.170).

O aEI criou a sua primeira conta no Twitter como o seu principal meio de comunicação para com a sua comunidade apoiante. Em pouco tempo, a conta gerou cerca de noventa mil seguidores até ter sido eliminada pela empresa. Iniciou-se um jogo entre a rede social e a organização terrorista, com a última a criar novas contas sucessivamente e com o Twitter a procurar, identificar e suspender a respetiva conta. As novas contas tinham cada vez mais dificuldade em reunir seguidores em pouco tempo, até serem suspensas novamente. O aEI tem operacionais especializados neste mundo eletrónico da sua propaganda, trabalhando sempre ativamente de forma a conseguir divulgar as mensagens da organização pelo máximo número de utilizadores possível, recorrendo às mais variadas técnicas de exponenciação de seguidores. Chegaram até a recorrer a hackers especializados, a entidades online robô (que reproduziam sucessivamente as suas mensagens) bem como à aplicação lançada nesse ano, a app Dawn (mais tarde removida pelos EUA) que facilitava e aumentava a visibilidade do grupo. Como exemplo surge a campanha preparada em detalhe pelo mesmo, que incluía um hashtag que exigia que o emir do Daesh declarasse o califado. *“Tratava-se de uma técnica sem precedentes para um grupo extremista, proporcionando um grupo de análise online para testar a mensagem antes de oficializá-la, permitindo ao aEI melhorar o anúncio antes da sua divulgação, que ocorreria meses depois”*. Simultaneamente, os

recrutadores do Daesh também usavam o Twitter, reinventando por completo o recrutamento jihadista observado até à data.

Apesar do grande mediatismo que o Daesh inicialmente conseguiu no início, juntamente com a exposição e divulgação da sua atividade e das suas práticas ultraviolentas, entre as quais as decapitações, atualmente aquele tem vindo a atenuar-se. O combate quase estratégico entre o Twitter e a organização tem surtido resultados. Com as suspensões, o Daesh *“tinha sido forçado a gastar mais energia e a obter menos ganhos, com um saldo resultante de pressões e retrocessos que os seus membros tinham descrito como devastadores”*. No entanto, o combate, na *internet*, ao uso online das redes sociais por parte do Daesh, continua com a ainda existente ameaça que o grupo representa (ibidem, p.208).

### 5.3. Futuro do Combate ao Terrorismo

O século XXI acordou para a ameaça do terrorismo fundamentalista islâmico. Ao contrário do terrorismo secular praticado anteriormente, o terrorismo religioso tem a capacidade de se estabelecer como ameaça ao nível global, podendo atingir qualquer membro da comunidade internacional (Martin, 2013).

Define-se por uma *“descentralização das suas estruturas”*, através das tais células, estabelecendo um *“sistema de comunicação em rede”*. A atribuição de funções é feita consoante as especialidades técnicas dos seus operacionais, abrangendo um vasto leque de domínios técnicos. A sua identificação é difícil pela tendência à *“inserção social”* no país em que operam, bem como pela escolha altamente seletiva de novos elementos humanos (Romana, 2005).

Convém também destacar que pelo facto dos atentados perpetrados por extremistas islâmicos terem uma elevada exposição na comunicação social, é seguro dizer-se que grupos terroristas, como a al-Qaeda ou o Daesh (por exemplo), continuarão a recorrer aos métodos supramencionados no futuro (Martin, 2013).

A *internet* tem sido, como já foi referido, um instrumento de bastante uso para a divulgação da mensagem dos grupos extremistas islâmicos. Tem sido também recorrente o recurso às novas tecnologias, nos meios de comunicação, por parte destas organizações terroristas mais modernas, pois facilita e expedita a comunicação entre as várias células e têm um alcance maior para o público em geral (ibidem).

A cooperação e coordenação internacional no combate ao terrorismo têm sido uma das principais armas contra esta ameaça global. Através de uma parceria direta entre agências de segurança internacionais (algumas das quais já mencionadas), e outras unidades de contra terrorismo de vários países, têm sido capturados terroristas responsáveis por atentados e têm sido desmanteladas algumas unidades terroristas ativas, quer na Europa quer no Médio Oriente.

As operações de combate ao financiamento terrorista têm mostrado ser uma importante via de desgaste das organizações terroristas tal como já demonstrou ser com a al-Qaeda, e portanto devem continuar a ser uma forte aposta no combate ao terrorismo. A vigilância global das comunicações (telemóveis, e-mail, redes sociais, fax, e *internet* no geral), embora eticamente contestadas, permitem intercetar conversas entre células ou indivíduos específicos que se preparam para perpetrar ataques. Simultaneamente, as comunidades de *intelligence* e os sistemas de justiça criminais mundiais, terão que continuar a trabalhar em coordenação para atenuarem esta ameaça global (ibidem).

Convém, por fim, referir que, a maior ou menor eficiência do combate ao terrorismo, está associada à maior ou menor recolha de informação (e cruzamento de dados) sobre as células ou grupos terroristas. Sendo a *internet* um dos palcos principais de planeamento e propaganda terrorista, é seguro prever que poderá haver uma aposta maior, nos próximos anos, por parte destas organizações, em utilizar a tecnologia e os avanços na comunicação para perpetrar ataques digitais ou informáticos, de modo a infligir danos em infraestruturas estratégicas ou em captar ou recolher informações importantes sobre o inimigo. Podem chamar-se a este tipo de ataques, de cibernéticos, e é um recurso em desenvolvimento que poderá muito bem ser um investimento a curto prazo das organizações extremistas islâmicas, conhecidas precisamente por acompanharem o avanço tecnológico mundial, e por possuírem técnicos e operacionais especializados em informática (ibidem).

Por fim, colocam-se as questões de natureza ética, no que diz respeito à atualização e inovação dos vários serviços de combate ao terrorismo. Neste sentido, tem havido uma clara aposta na vigilância e na obtenção privada de informação sobre as redes terroristas islâmicas, mas isso implica que as entidades que acedem a esse nível privativo de informação tenham capacidade para vigiar dados e pormenores da vida pessoal do mais comum dos utilizadores de uma rede social. Surge o obstáculo moral do quão inovador deve ser o avanço tecnológico ao qual estas entidades recorrem, sem que seja posta em causa a liberdade pessoal dos indivíduos de uma sociedade, em detrimento da *“previsão eficaz da radicalização”* (Duque, 2016, p.146).

## 6. Conclusões

Para auxiliar na fase final da investigação, seguiram-se as linhas orientadoras inerentes às hipóteses de trabalho que foram enunciadas no segundo capítulo. Estas servem como baías para o percurso metodológico, sendo que se procurou atestar ou refutar a validade das mesmas, de forma a aproximarmo-nos da meta final deste estudo.

Face ao exposto, em relação à primeira hipótese secundária<sup>1</sup>, começou por analisar-se os mecanismos de combate ao terrorismo de matriz islâmica da atualidade. São vários os planos apresentados, abrangendo múltiplas organizações transnacionais. Inicialmente, foi mencionada a forma como os terroristas de matriz islâmica se têm aproveitado de um mercado financeiro internacional cada vez mais globalizado e, assim, com cada vez maior liberdade de movimento nas transações. Consequentemente, o desenvolvimento das missões terroristas é facilitado com a possibilidade de grande aumento orçamental destes grupos. Deste modo, combater o modo de financiamento destes grupos, através da identificação das suas transações e do limitar do seu acesso ao sistema financeiro internacional, pode evitar que o grupo continue a obter lucro. Destacámos também a importância da adaptação e desenvolvimento de processos, que possam combater estes grupos no contexto da tecnologia, especificamente no que concerne ao uso das redes sociais. As várias empresas detentoras das plataformas sociais têm contribuído com sucessivas atualizações das suas políticas de privacidade e do uso da plataforma, com o objetivo de melhor identificar as contas oficiais das organizações e, assim, eliminá-las, de forma a travar o alcance mediático que estas lhes permitem ter. Em relação aos mecanismos do futuro, é seguro dizer que a plataforma das redes sociais tão cedo não abandonará o quotidiano da população mundial, especialmente por se tratar de um meio de liberdade de expressão a uma escala nunca antes conseguida. Por outras palavras, os terroristas têm, embora com os entraves das empresas detentoras das redes sociais, a possibilidade de fazer chegar a sua mensagem em pouco tempo, e para muitas pessoas. Deste modo conseguem alcançar o mediatismo que tanto é reconhecido como crucial nestes grupos terroristas. No que diz respeito ao uso desta tecnologia, podemos afirmar que tão cedo não deixará de ser usada, especialmente como método de recrutamento extremamente eficaz (tendo já conseguido atrair milhares de combatentes estrangeiros). Assim, os mecanismos do presente, em relação a estes fatores específicos, serão muito provavelmente os mesmos do futuro, pelo menos na próxima década. Através do que foi supra mencionado, considerou-se a primeira hipótese secundária refutada.

Em relação à segunda hipótese secundária<sup>2</sup>, tal como já foi referido, decorre neste momento uma “batalha campal” no seio das plataformas sociais, entre os operacionais de propaganda ou recrutadores jihadistas, e as respetivas empresas detentoras dessas plataformas. Naturalmente que os governos, através das agências de segurança, também têm uma intervenção nesta matéria, muitas vezes pela da obtenção de informação através destas plataformas. Como tal, poderão inserir-se estas medias de combate ao terrorismo na esfera do virtual, ou mais simplesmente, do combate através do computador. É importante destacar, também, o potencial do ciberespaço, como meio de ataque por grupos terroristas, que também se desenrola no meio virtual. No entanto, não deixamos de destacar que grande parte da missão de um grupo terrorista de matriz islâmica depende do seu crescimento económico. Para que seja viável travar este crescimento, os Estados continuam dependentes do trabalho no terreno, no que diz respeito à recolha de informação sobre eventuais negócios que envolvam o grupo. Face ao exposto, pareceu-nos lógico considerar como refutada a segunda hipótese secundária, pois embora grande parte do combate ao terrorismo seja excutado na esfera virtual, uma intervenção no terreno continua a ser necessária.

No que concerne à terceira hipótese secundária<sup>3</sup>, tanto no primeiro capítulo como no quinto, foram mencionadas um conjunto de organizações governamentais, responsáveis por criar vários planos estratégicos de combate ao terrorismo de matriz islâmica. Ainda na cena internacional, surgem as organizações não-governamentais de cariz humanitário, como peças fundamentais do conflito (crise dos refugiados) e pós-conflito. Tal como se pode observar nos dados retirados do GTI (Global Terrorism Index) 2012, indicados no primeiro gráfico em baixo apresentado, desde 2001, ano a partir do qual se concentram os primeiros esforços globais de combate a este tipo de terrorismo, houve, por exemplo, uma diminuição acentuada deste extremismo em solo americano. A grande maioria dos ataques perpetrados naquele país entre 2001 e 2012 foram de grupos que não os de matriz islâmica. O mesmo já não aconteceu em solo iraquiano, tendo este tido, pelo contrário, um acentuado aumento de incidentes terroristas no mesmo período de tempo (tal como observável no segundo gráfico abaixo indicado, retirado do GTI 2016). Esta realidade centrou-se na invasão do Iraque e no respetivo aumento da

---

<sup>1</sup> HS1: “Os mecanismos de combate ao terrorismo de matriz islâmica que existem são eficazes para o presente, mas não o serão no futuro.”

<sup>2</sup> HS2: “O terrorismo de matriz islâmica será combatido a partir de um computador, devido à evolução das tecnologias de informação.”

<sup>3</sup> HS3: “A integridade (económica, social, política e de segurança) dos Estados está garantida, no presente, com os mecanismos de combate ao terrorismo de matriz islâmica, existentes entre as várias organizações/entidades governamentais e não-governamentais.”

violência sectária naquele país. Em relação ao Daesh, cujos ataques dispararam no período entre 2013 e 2015, os episódios de terror em solo iraquiano e sírio aumentaram coincidentemente neste período de tempo, fruto da ocupação inusitada do território por parte do grupo, tanto no Iraque como na Síria.

Embora o terrorismo desta índole possa atingir a estrutura de um Estado, poder dizer que a integridade do mesmo, como um todo, sai prejudicada, será exagerado. A não ser que um Estado deixe de o ser, ou sofra um impacto profundo como têm sofrido o Iraque e a Síria com a invasão do Daesh, com as respetivas fronteiras a tornarem-se maleáveis, a integridade de um Estado tipicamente mantém-se. Face ao que foi supra enunciado, consideramos a terceira hipótese secundária como parcialmente válida. O impacto da al-Qaeda tem diminuído consideravelmente nos últimos quinze anos, fruto das estratégias antiterroristas. Da mesma forma, em relação ao Daesh, os Estados (com a exceção dos que têm, ou poderão vir a ter o seu território ocupado), têm a sua integridade assegurada no presente, graças aos mecanismos que têm sido criados pelas organizações/entidades governamentais e não-governamentais.

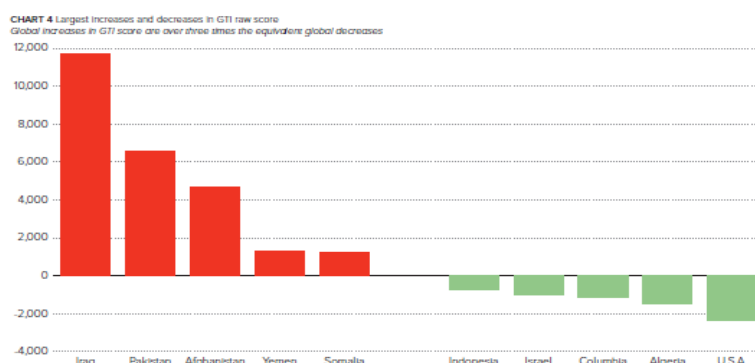


Figura I-1 – Gráfico demonstrativo da diminuição do terrorismo nos EUA entre 2001 e 2012

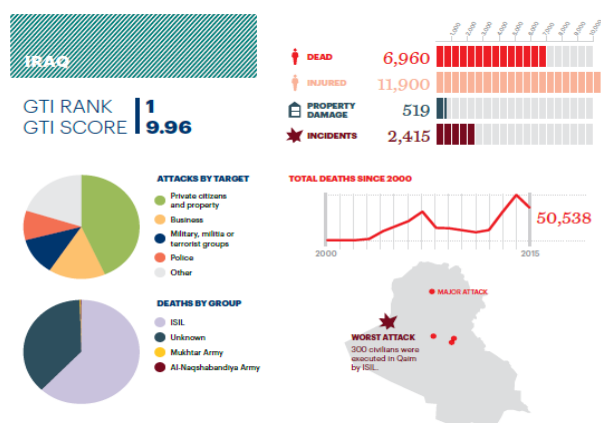


Figura J-2 – Dados relativos ao impacto terrorista no Iraque entre 2000 e 2015.

Já foram validadas as hipóteses referentes aos mecanismos atuais de combate ao terrorismo de matriz islâmica, tal como à possibilidade deste afetar a integridade dos Estados. Face ao supra mencionado, considerámos a hipótese principal<sup>4</sup> validada. Embora o terrorismo de matriz islâmica tenha potencial para, num mundo globalizado, atingir a integridade de um Estado, os mecanismos contraterroristas da atualidade têm mostrado eficácia suficiente para impedi-lo.

<sup>4</sup> HP1: "O terrorismo de matriz islâmica, enquanto ameaça global, num mundo globalizado, a nível social, económico, político e tecnológico, pode prejudicar a integridade dos Estados, mas existem mecanismos de combate eficazes, criados ao nível nacional e transnacional, e em organizações/entidades governamentais e não-governamentais."

Estão reunidas todas as condições para que se possa responder à pergunta de partida<sup>5</sup>. A globalização é uma realidade que surgiu assumidamente no século passado e que, na atualidade, representa um fenómeno incontornável e em permanente evolução, assumindo uma relação estreitíssima com o avanço tecnológico. No âmbito da tecnologia, surgem ainda os avanços nos meios de comunicação e difusão de informação através, por exemplo, das plataformas sociais *online*. As redes jihadistas têm usado e abusado do potencial das redes sociais, no entanto, neste momento, grupos terroristas de matriz islâmica como o Daesh, estão a ser submetidos a um conjunto de medidas contraterroristas, que têm conseguido, progressivamente, uma supressão cada vez maior da sua influência na *internet*. Deste modo, a tecnologia, como avanço facilitado pela globalização, contribuiu para a atenuação do fenómeno jihadista *online*. Da mesma forma, tem crescido a facilidade com que as entidades governamentais e não-governamentais conseguem trocar informação entre si. Aliás, a grande maioria dos planos estratégicos de combate ao terrorismo de matriz islâmica, incluem precisamente o cruzamento de dados com outras entidades.

Em síntese, tendo em consideração tudo o que foi mencionado, estamos em posição de afirmar que a globalização, enquanto fenómeno da atualidade, pode ser um processo a favor da luta contra o terrorismo de matriz islâmica, tendo já demonstrado resultados muito positivos.

## 6.1. Sugestões

Após a investigação efetuada nesta dissertação, pensamos ter adquirido um nível de conhecimento suficiente para destacar as duas seguintes sugestões:

- Uma maior inclusão das minorias étnicas, raciais e culturais em países do Ocidente. Por exemplo, através da criação de infraestruturas que permitam a liberdade religiosa dessas minorias, não discriminá-las no mundo laboral, e criando as mesmas oportunidades sociais que para o resto da população, com o objetivo de evitar um crescente desagrado e possível identificação com movimentos fundamentalistas.
- Apelar à aproximação de culturas a nível global, de forma a melhor entender os diferentes contextos socioculturais e religiosos das várias civilizações. Por exemplo, dando particular destaque à Aliança das Civilizações da ONU, cujo um dos objetivos é precisamente a aproximação da cultura dos países muçulmanos e do Ocidente, por forma a melhorar os processos de tomada de decisão a nível internacional, abrangendo as diferentes realidades contextuais de cada Estado.

## 7. Referências Bibliográficas

- AMIRAHMADI, Hooshang. - **Dark Geopolitics of the Middle East**. The Cairo Review of Global Affairs [Em linha]. 2015. [Consult. 10 Fev. 2017]. Disponível em <WWW:URL:https:// www.thecaireview.com/essays/dark-geopolitics-of-the-middle-east/>
- BALÃO, Sandra M. - **A Matriz do Poder - Uma Visão Analítica da Globalização e Anti-Globalização no Mundo Contemporâneo**. 2ª ed. [S.l.]: MGI, 2014. ISBN 978-989-97668-8-4.
- DIAS, Mónica; SAMÕES, Orlando. - Liberalismo e Institucionalismo Liberal. In DUQUE, Raquel; NOIVO, Diogo; SILVA, Teresa DE A. E - **Segurança Contemporânea**. Lisboa: PACTOR, 2016. ISBN 978-989-693-054-7. p.23-41.
- DUQUE, Raquel - Terrorismo: um olhar sobre a evolução e as particularidades desta forma de violência. In DUQUE, Raquel; NOIVO, Diogo; SILVA, Teresa DE A. E - **Segurança Contemporânea**. 1ª ed. Lisboa: PACTOR, 2016. ISBN 978-989-693-054-7. ISBN 978-989-693-054-7. p.131-151.
- FIERKE, K. M. - Construtivism. In DUNNE, Tim; KURKI, Milja; SMITH, Steve - **International Relations Theories – Discipline and Diversity**. 2ª ed. Nova Iorque: Oxford, 2010. ISBN 978-0-19-954886-6. p.177-195.
- IEP – **Global Terrorism Index 2016** [Em linha]. [s.l]: [s.n]. (2012). [Consult. 12 Mar. 2017]. Disponível em <WWW:URL:http://economicsandpeace.org/wp-content/uploads/2016/11/Global-Terrorism-Index-2016.2.pdf>

---

<sup>5</sup> P.P: “Poderá a globalização, enquanto fenómeno da atualidade, ser um processo a favor da luta contra o terrorismo de matriz islâmica?”

- IEP - **Global Terrorism Index 2012** [Em linha]. [s.l.]: [s.n]. (2016). [Consult. 12 Mar. 2017]. Disponível em <WWW:URL:http://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/2012-Global-Terrorism-Index-Report.pdf>
- JACKSON, Robert; SORENSEN, Georg - **Introduction to International Relations- Theories & Approaches**. 4ª ed. Nova Iorque: Oxford, 2010. ISBN 978-0-19-954884-2.
- JOHNSTON, Patrick B. - **Countering ISIL's Financing**. [Em linha]. Washington: RAND Corporation. (2014). [Consult. 17 Mar. 2017]. Disponível em <WWW:URL:http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/testimonies/CT400/CT419/RAND\_CT419.pdf>
- LINKLATER, Andrew - Globalization and the transformation of political community. In BAYLIS, John; SMITH, Steve; OWENS, Patricia – **The Globalization of world politics – An introduction to international relations**. 5ª ed. [s.l.]: Oxford, 2011. ISBN 978-0-19-956909-0. p.528-544.
- MARTIN, Gus - **Understanding Terrorism**. 4ª ed. American Psychological Association. London: SAGE, 2013. ISBN 978-1-4522-0582-3.
- MDN - **Conceito Estratégico de Defesa Nacional**. [Em linha] [Consult. 10 Fev. 2017]. Portugal: 1ª série, nº 67, 2013. (2013). p.16–22. Disponível em <WWW:URL:http://www.idn.gov.pt/index.php?mod=008&cod=03072013x2#sthash.sPtPuFHf.dpbs>
- MOREIRA, Adriano - **Teoria das Relações Internacionais**. 8ª ed. [S.l.]: Grupo Almedina, 2014. ISBN 978-972-40-55551-0. p.71-79.
- NATO - **Countering terrorism** [Em linha]. 2010. [Consult. 16 Mai. 2016]. Disponível em <WWW:URL:http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics\_77646.htm>
- NATO - **Warsaw Summit Communiqué** [Em linha]. 2016. [Consult. 2 Jan. 2017]. Disponível em <WWW:URL:http://www.nato.int/cps/en/natohq/official\_texts\_133169.htm>
- QUIVY, Raymond; CAMPENHOUT, Luc V. - **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. 5ª ed. Lisboa: Gradiva, 2008.
- REIS, Bruno C. - Realismo, ainda a teoria dominante? In DUQUE, Raquel; NOIVO, Diogo; SILVA, Teresa DE A. E - **Segurança Contemporânea**. 1ª ed. Lisboa: PACTOR, 2016. ISBN 978-989-693-054-7. p.3-23.
- ROMANA, Heitor - **Terrorismo e «Intelligence»: um novo quadro analítico**. Janus [Em linha]. 2005. [Consult. 16 Mar. 2017]. Disponível em <WWW:URL:http://www.janusonline.pt/arquivo/2005/2005\_4\_1\_11.html>
- STATE DEPARTMENT - **The Global Coalition To Counter ISIS: Partners** [Em linha]. 2016. [Consult. 17 mar. 2017]. Disponível em <WWW:URL:https://www.state.gov/s/seci/c72810.htm>
- STERN, Jessica; BERGER, J. M. - **Estado Islâmico, Estado de Terror**. 1ª ed. Nova Iorque: Ecco, 2015. ISBN 978-989-8491-68-8.
- UE - **Cimeira da OTAN, em Varsóvia, na Polónia** [Em linha]. 2016. [Consult. 11 Mar. 2017]. Disponível em <WWW:URL:http://www.consilium.europa.eu/pt/meetings/international-summit/2016/07/08-09/>
- UE - **Luta da UE contra o terrorismo** [Em linha]. 2005. [Consult. 11 Mar. 2017]. Disponível em <WWW:URL:http://www.consilium.europa.eu/pt/policies/fight-against-terrorism/>
- UN, G. A. - **UN Global Counter-Terrorism Strategy** [Em linha]. 2006. [Consult. 23 Mai. 2016]. Disponível em <WWW:URL:https://www.un.org/counterterrorism/ctitf/un-global-counter-terrorism-strategy>